

IDENTIFICAÇÃO DO CONSUMO E FREQUÊNCIA DE BEBIDAS ALCOÓLICAS EM JOVENS ADULTOS: UMA REVISÃO

RESUMO

O consumo excessivo de bebidas alcoólicas é um problema relevante para a saúde pública, pois é um dos cinco principais fatores de risco de morte prematura e incapacidade no mundo. A relação álcool e universitários se mostra a mais latente dentre os grupos envolvidos. O objetivo do trabalho foi identificar o nível de consumo e frequência do consumo de bebidas alcoólicas por jovens adultos. Trata-se de uma revisão bibliográfica em que foi selecionado apenas artigos nacionais e que utilizassem o Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) como método de identificação do consumo. Nove dos 13 artigos analisados têm como público predominante estudantes universitários e muitos estudos mostraram porcentagens altas de consumo na zona de risco e o padrão de consumo se caracteriza em consumir uma grande quantidade de doses em uma mesma ocasião. Com o presente estudo fica evidenciado que o consumo de bebidas alcoólicas por jovens deve ser mais bem explorado, principalmente por jovens universitários em que se encontram em um momento vulnerável e suscetível ao abuso de álcool.

Palavras-chave: Bebidas Alcoólicas. Jovem Adulto. Saúde Pública. Abuso de Álcool. Políticas Públicas.

IDENTIFICATION OF ALCOHOL CONSUMPTION AND FREQUENCY IN YOUNG ADULTS: A REVIEW

ABSTRACT

Excessive consumption of alcoholic beverages is a major public health problem, as it is one of the top five risk factors for premature death and disability in the world. The relationship between alcohol and university students shows more latent among the groups involved. The aim of the study was to identify the level of consumption and the frequency of alcohol consumption by young adults. This is a bibliographic review in which only national articles were selected and which use the Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) as a method of identifying consumption. Nine of the 13 articles analyzed has most university students as sample and many studies had shown the high percentages of consumption in the risk zone and the pattern of consumption that shows the consumption of many doses at the same time are predominant. With the present study, it is evident that the consumption of alcoholic beverages by young people should be better explored, especially by young university students when they are assessed at a vulnerable time and susceptible to alcohol abuse.

Keywords: Alcoholic Beverages. Young Adult. Public Health. Alcoholism. Public Policies.

Mônica Cavalcante Martins
Graduanda em Nutrição da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo - SP
monicacavalcantemartins@gmail.com

Tâmara Taine dos Santos
Graduanda em Nutrição da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo - SP
tamarataine@hotmail.com

Jandira Santos de Jesus
Graduanda em Nutrição da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo - SP
jandira.santosj@hotmail.com

Beatriz Mitie Sato
Graduanda em Nutrição da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo - SP
beatrizsato@live.com

Daniela Maria Alves Chaud
Docente do curso de Nutrição da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo - SP
daniela.chaud@mackenzie.br

1. INTRODUÇÃO

O álcool é uma droga psicotrópica, que age no sistema nervoso central provocando mudanças no comportamento do usuário. Além disso, é uma substância lícita e de grande aceitação social de seu consumo para ambos os sexos (SOLBERG; MACIOSE; EDWARDS, 2008).

O uso do álcool está associado a vários fatores econômicos, culturais, ambientais, biológicos, psicológicos e sociais que atuam simultaneamente para influenciar a propensão de qualquer pessoa ao consumo. Isso se dá pela interação entre álcool, sujeito e ambiente. Esses fatores influenciam a maneira como as pessoas bebem de forma diferente e podem ser fatores de risco ou proteção (REISDORFER et al., 2012).

Considera-se consumo abusivo de álcool a ingestão de quatro ou mais doses de álcool por mulheres e de cinco ou mais doses de álcool por homens em uma mesma ocasião nos últimos trinta dias. Uma dose de bebida alcoólica equivale a uma lata de cerveja, uma taça de vinho ou uma dose de bebida destilada. O indivíduo que consome acima dessas quantidades tem grandes chances de apresentar problemas relacionados ao consumo de álcool. Internacionalmente, essa prática chama-se *binge drinking* (SILVA; LYRA; DINIZ, 2019).

O consumo excessivo de bebidas alcoólicas é um problema relevante para a saúde pública, pois é um dos cinco principais fatores de risco de morte prematura e incapacidade no mundo. Além de ter relação direta com doenças

materno-infantil, doenças infecciosas, doenças não transmissíveis e doenças mentais (OMS, 2018).

A Organização Mundial da Saúde (2014) estima que 5,9% dos óbitos do mundo ocorridos anualmente sejam devidos ao álcool, sendo que seu uso nocivo causa morte e incapacidade em pessoas jovens, o que resulta em perda de muitos anos de vida.

Mais de duzentas condições de saúde estão ligadas ao uso nocivo do álcool, e excede aquelas causadas por muitos outros fatores de risco e doenças presentes na agenda global de saúde. Metade das mortes atribuídas ao álcool é decorrente de doenças não transmissíveis devido ao consumo de álcool crônico, como câncer, doenças cardiovasculares, doenças mentais e cirrose hepática. Enquanto o consumo episódico e agudo do álcool é um fator de risco para causas externas, como acidentes no trânsito, no trabalho e violência principalmente entre homens jovens (OMS, 2018).

No Brasil, o álcool esteve associado a 69,5% e 42,6% dos casos de cirrose hepática, e a 36,7% e 23% dos acidentes de trânsito, entre homens e mulheres, respectivamente. Em relação aos transtornos relacionados ao uso de álcool, 4,2% dos brasileiros são classificados para abuso ou dependência (MACHADO et al., 2018).

A pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas - VIGITEL apontou que a prevalência média de abuso no consumo de bebidas alcoólicas, nos últimos 30 dias, havia alcançado 19,1%, sendo 27,1% para os homens e 12,2% para as mulheres.

Dentre os indivíduos entrevistados, 6,7% disseram conduzir automóvel motorizado depois de consumir bebidas alcoólicas e foi constatado que a quantidade de bebida ingerida diminui com a idade e aumenta com a escolaridade em ambos os sexos (BRASIL, 2018).

A fase da adolescência, definido pela Organização Mundial de Saúde como o período de 10 a 19 anos completos é bastante caracterizado pela curiosidade e impulsividade, em que comumente ocorre experimentação (OMS, 1986).

O álcool, pelo fato de ser uma substância lícita, pode ser facilmente adquirido. A comprovação vem dos próprios jovens consumidores, nos quais afirmam ter fácil acesso ao álcool a qualquer hora do dia ou da noite. O uso de tal substância entre jovens, menores de 18 anos, por sua vez, é um assunto bastante polêmico inserido na sociedade brasileira (VIEIRA, et al., 2007). Ao mesmo tempo, a lei define como proibida a venda de bebidas alcólicas para menores de 18 anos (BRASIL, 1996).

De acordo com uma recente pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia - IBGE (2015), cerca de 55% dos adolescentes já ingeriram bebida alcoólica, uma estatística alarmante visto que o consumo precoce pode potencializar a possibilidade do jovem se tornar dependente químico, desenvolver transtornos psíquicos e apresentar vulnerabilidade social, além de impactar seriamente no organismo ainda imaturo. Ademais, os índices brasileiros de violência relacionados a drogas expõem seu potencial de devastação relacionado com mortalidade e acidentes, desse modo, seu uso apresenta elevados prejuízos sociais (VIEIRA, et al., 2007).

A relação álcool e universitários se mostra a mais latente dentre os grupos envolvidos. Com a finalidade de se distrair perante a rotina pesada do ambiente de ensino, jovens, em maioria do sexo masculino, exageram no consumo da bebida, podendo levar a fatores como brigas, sexo desprotegido, acidentes (por direção de veículos e outros), acarretando problemas até mesmo em seu desempenho acadêmico (PORTO; RIOS; SOUZA, 2018).

O adiamento da iniciação do consumo de álcool é o fator de maior relevância para evitar o início precoce ao consumo destas bebidas e os riscos relacionados à consumação abusiva. Por isso, cabe a promoção de políticas preventivas ainda no ambiente escolar, visando quebrar a pressão em torno da ingestão do álcool (CISA, 2007).

Assim sendo, o poder público apresenta suma importância a fim de implementar políticas de saúde pública adequadas para prevenir o consumo de álcool e os problemas associados, principalmente por jovens, conscientizando o meio social para, então, obter seu apoio para as intervenções a serem implementadas e fazer com que haja, na prática, o cumprimento da lei. É necessário fazer-se cumprir a lei com fiscalização e punição adequada aos infratores. Ademais, ação imediata é necessária para evitar que problemas decorrentes da exposição precoce e maciça dos adolescentes ao álcool continuem acontecendo (VIEIRA, et al., 2007).

Nesse contexto, a propaganda de bebidas alcoólicas emerge como uma questão relevante para a saúde pública, dado que o consumo crescente de álcool tem se configurado como um problema social e de saúde. Porém, o controle dessa propaganda implica um debate de natureza

ético-política, no qual interesses dos defensores de proteção à saúde se confrontam com interesses comerciais, mesmo diante de evidências científicas. Contudo, a propaganda de bebidas alcoólicas tende a banalizar e legitimar o consumo do álcool, apresentando-o como uma prática natural e desejável da vida. Embora a indústria do álcool tente fazer alguma propaganda educativa (“se beber não dirija”, ou “beba com moderação”, por exemplo), seus interesses comerciais entram em conflito com medidas de saúde pública (FALCÃO; RANGEL, 2010).

A disponibilidade representa um dos componentes fundamentais do consumo de substâncias. Se a substância for barata, facilmente acessível e conveniente, seu consumo será intenso e conseqüentemente haverá aumento da quantidade de consumo e da importância dos problemas associados a ele. Há três tipos de disponibilidades: econômica (preço, taxações); de varejo (facilidades de compra e acessibilidade ao álcool); e social (acessibilidade de fontes de não varejo do álcool, como família e amigos) (DUAILIBI; LARANJEIRA, 2007).

Diversos instrumentos de diagnóstico têm sido requisitados para se mensurar o tamanho do problema com mais economia e praticidade. Dentre os instrumentos existentes o mais utilizado em pesquisas é o AUDIT (Alcohol Use Disorders Identification Test), conhecido no Brasil como teste de identificação de problemas relacionados ao uso de álcool. Trata-se de um questionário desenvolvido para a OMS, o qual foi organizado de acordo com a classificação internacional de doença (CID-10) com o objetivo de rastrear o uso nocivo e problemático do álcool durante um período de 12 meses. Tem sido

utilizado, principalmente, em serviços primários de saúde, na população geral, em estudantes universitários e adolescentes. A aplicação não requer treinamento especializado (BABOR et al., 2003).

Portanto, o objetivo deste trabalho foi identificar o nível de consumo e frequência do consumo de bebidas alcoólicas por jovens adultos.

2. MÉTODOS

Trata-se de uma revisão bibliográfica, cujo embasamento científico foi obtido por meio de consultas a artigos originais publicados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Public MEDLINE (PubMed). A estratégia de busca foi definida pela combinação dos termos em português: álcool, jovens, teste AUDIT, consumo alcoólico e universitários.

Como forma de obter relativa homogeneização da amostra optou-se por selecionar apenas estudos nacionais e que utilizassem o AUDIT como método para identificação do consumo alcoólico. Como critérios de inclusão, foram selecionados os estudos publicados entre os anos de 2000 e 2020.

3. RESULTADOS

Com base nos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 13 artigos nacionais. Entretanto, também foram selecionados artigos internacionais para embasamento da discussão.

As características demográficas dos estudos analisados estão descritas na Tabela 1, segundo autores responsáveis, ano de publicação, tipo de público estudado, faixa etária da amostra estudada e tamanho da amostra.

Tabela 1 - Características demográficas e metodológicas dos estudos que avaliaram o padrão de consumo de bebidas alcoólicas de jovens adultos.

| AUTOR | ANO | PÚBLICO | FAIXA ETÁRIA | AMOSTRA |
|--------------------------|------|------------------------------|--------------|---------|
| PILLON, S.; WEBSTER, C. | 2006 | Estudantes universitários | - | 254 |
| ROMERA, L.; REIS, H. | 2009 | Torcedores de futebol jovens | 15 a 25 anos | 263 |
| PEREZ, G.; VALLEJO, G. | 2014 | Estudantes universitários | 15 a 49 anos | 396 |
| FERREIRA, L. et al | 2010 | - | > 14 anos | 270 |
| CAMPOS, J. et al | 2010 | Estudantes de ensino médio | 15 anos | 1967 |
| MATTARA, P. et al | 2010 | Adolescentes | 14 a 17 anos | 141 |
| FORMIGA, N. S. et al | 2013 | Universitários | 18 a 32 anos | 201 |
| BARBOSA, F. L. et al | 2013 | Estudantes Medicina UFM | - | 337 |
| MANZATTO, L. et al | 2011 | Estudantes universitários | 22 anos | 170 |
| BEDENDO, A. et al | 2017 | Estudantes universitários | 21 anos | 2408 |
| JUNIOR, G.A.; GAYA, C.M. | 2015 | Estudantes universitários | 18 a 27 anos | 123 |
| PILLON, S. et al | 2011 | Estudantes universitários | - | 191 |
| MARTINS, R.A. et al | 2008 | Estudantes ensino médio | 14 a 18 anos | 1227 |

Fonte: Construção das autoras.

Dentre os estudos analisados, 6 possuem participação de menores de 18 anos e 3 deles tiveram seus estudos voltados apenas para adolescentes; portanto, não participaram maiores de 18 anos. Um estudo feito com alunos do ensino médio apresenta 16,7% da amostra (n=1967) consumindo bebidas alcoólicas de forma exagerada, sendo classificados na zona de risco, e 3,30% da amostra apresentando possível dependência (CAMPOS et al., 2011).

Outro estudo semelhante também indicou uso de risco em 17,8% da amostra (n=1227),

composta por adolescentes (MARTINS et al., 2008). Todos os estudos analisados em que a amostra foi composta por adolescentes apresentou um alto número de consumidores de baixo risco, ou seja, em todos os estudos mostra que grande número de adolescentes consome bebidas alcoólicas.

Os resultados do consumo de álcool pelas amostras dos artigos analisados, conforme a classificação no AUDIT, foi organizado e agrupado na Tabela 2. A zona I em que se refere a pontuação menor que 8 pontos foi denominado de uso de baixo risco, a zona II em que se refere a pontuação de 8 a 15 pontos foi denominado uso de risco, a zona III em que se refere a pontuação de 16 a 19 pontos foi denominado de uso nocivo e a denominação dependência foi vinculado a zona IV, em que se refere a pontuação de 20 a 40 pontos.

Tabela 2 - Resultados do consumo de bebidas alcoólicas

| AUTOR | PÚBLICO | BAIXO RISCO | USO DE RISCO | USO NOCIVO | DEPENDÊNCIA |
|---------------------------------|------------------------------|-------------|--------------|------------|-------------|
| PILLON, S.; WEBSTER, C. (2006) | Estudantes universitários | 18,50% | 61% | 18,50% | 2% |
| ROMERA, L.; REIS, H. (2009) | Torcedores de futebol jovens | 80% | 15% | 5% | - |
| PEREZ, G.; VALLEJO, G.(2014) | Estudantes universitários | 64,60% | 20,50% | 14,90% | - |
| FERREIRA, L. et al. (2010) | - | - | 18,50% | 10,40% | - |
| CAMPOS, J. et al. (2010) | Estudantes ensino médio | 45,76% | 16,47% | 3,51% | 3,30% |
| MATTARA, P. et al. (2010) | Adolescentes | 65,96% | 2,13% | 0,71% | - |
| FORMIGA, N. S. et al. (2013) | Universitários | 47,20% | 18,40% | 34,30% | - |
| BARBOSA, F. L. et al. (2013) | Estudantes medicina ufm | 55,80% | 38,20% | 4,60% | 1,40% |
| MANZATTO, L. et al. (2011) | Estudantes universitários | 68,20% | 21,80% | 4,71% | 5,29% |
| BEDENDO, A. et al. (2017) | Estudantes universitários | 77,50% | 19,30% | 1,90% | 1,30% |
| JUNIOR, G.A.; GAYA, C.M. (2015) | Estudantes universitários | - | 40% | - | - |
| PILLON, S. et al. (2011) | Estudantes universitários | - | 30,40% | - | - |
| MARTINS, R.A. et al. (2008) | Estudantes ensino médio | - | 17,80% | - | - |

Fonte: Construção das autoras.

4. DISCUSSÃO

Segundo o novo VIGITEL, durante o ano de 2019 o consumo abusivo de álcool nos últimos 30 dias foi de 18,8%, sendo maior em homens (25,3%) do que em mulheres (13,3%). Esse estudo mostrou também que a frequência do consumo de álcool diminui com a idade e aumenta com o nível de escolaridade. Isso explica o grande número de artigos encontrados em que predomina jovens universitários (BRASIL, 2020).

Em 9 dos 13 artigos analisados o público predominante é de estudantes universitários. Muitos estudos possuem porcentagens altas de consumo, na zona de risco, o que evidencia argumentação de outros estudos de que nos últimos anos o problema de consumo de álcool entre estudantes universitários tem merecido uma maior atenção em todo o mundo. O consumo de álcool em excesso está associado a diversos problemas entre estudantes do ensino superior podendo ser considerado um problema de saúde pública (HINGSON; ZHA; WEITZMAN, 2009).

Os estudantes universitários têm um padrão de consumo de álcool grave, bebem com maior frequência e experimentam maiores efeitos negativos quando comparados a jovens não estudantes. Eles têm maiores chances de experimentarem prejuízos a sua integridade física (MEILMAN; PRESLEY, 2005).

Apesar dos números dos resultados dos artigos estudados serem maiores na categoria baixo risco, é comum que o padrão de consumo se caracterize em consumir uma grande quantidade de doses numa mesma ocasião. Um dos estudos possui um número grande de estudantes que apontou como baixo risco, mas

nas questões 2 e 3 disseram consumir uma quantidade de doses alta por vez, o que se caracteriza como *binge drinking* (PILLON; WEBSTER, 2006). Um estudo realizado nos Estados Unidos mostra que, dentre os estudantes que consomem uma quantidade elevada de bebidas alcoólicas, mais de 40% reportaram episódios de *binge drinking*, 47% reportaram alguma consequência relacionada ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas e 20% relataram pelo menos cinco como perda de consciência, problemas com a polícia e confusão no campus universitário (WECHSLER et al., 2002).

Além disso, em dois estudos identificou-se o consumo simultâneo de álcool, bebidas energéticas, tabaco, maconha e cocaína (BEDENDO, 2017). Em um deles, 77% dos entrevistados assumiram consumir simultaneamente algum outro tipo de droga (JUNIOR; GAYA, 2015). Nesse sentido, estudos evidenciaram que o uso de múltiplas drogas aumenta o risco de implicações à saúde (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010).

Em um dos trabalhos foi questionado a situação mais propícia para o consumo abusivo do álcool, e 257 jovens responderam adequadamente a essa questão; 43,6% respondeu que a situação mais propícia eram as festas da universidade; 7% marcaram após as provas da faculdade; 1% ao final de um dia estressante e 22,2% disse que todas as situações anteriores eram propícias (BARBOSA et al., 2013).

Outro estudo mostrou que há uma relação proporcional com a frequência com que o estudante vai às festas universitárias e a pontuação no AUDIT, ou seja, quanto maior a presença em festas, maior a média de pontos no AUDIT (PILLON; WEBSTER, 2006).

Quando há abuso ou dependência de substâncias destacam-se problemas como faltas e atrasos (37,3% quando há consumo prejudicial e 67,4% se há dependência) e baixo desempenho acadêmico (16,4% em caso de abuso e 52,2% se há dependência) (PEREZ; VALLEJO, 2014).

Após terem frequentado festas universitárias na noite anterior 71,2% dos estudantes que fazem uso problemático do álcool disseram que dormem na sala de aula e 50% disseram que chegam atrasados as aulas o que conseqüentemente se reflete em baixo desempenho acadêmico (PILLON; WEBSTER, 2006).

O consumo de álcool moderado pode ser benéfico, apesar de ainda ser tema discutido entre pesquisas científicas. Poderia haver relação com a diminuição da mortalidade, como na menor incidência de doenças cardiovasculares e perdas cognitivas, conforme o avanço da idade. Além do alívio do estresse e bem-estar, mesmo que momentaneamente. Contudo, os resultados foram obtidos em consumidores de vinho, principalmente, e daqueles que realizam o consumo de 15g por dia, aproximadamente 1 dose. Estes apresentaram diminuição na degradação evolutiva, ao longo de 2 anos de estudo, se em comparação com abstêmios e bebedores excessivos (CISA, 2007).

A idade média observada para o início da “jornada alcoólica” é de 14 anos. Nessa faixa, apresentaram-se padrões de consumo moderado (<<8) de acordo com as classificações obtidas no AUDIT. Contudo, deve-se também observar a presença da frequência do beber de risco e possível dependência (>>8), mesmo que em menores valores (ÂNGELO et al., 2010).

Já em universitários, o consumo de risco e de dependência apresentam valores semelhantes, indicando, como já dito posteriormente, a maior frequência no consumo de acordo com o aumento das responsabilidades ao decorrer da vida adulta, principalmente no campo acadêmico, veste influências internas e externas (JUNIOR; GAYA, 2015; PEREZ; VALLEJO, 2014).

Em relação a frequência com que esses jovens consomem bebidas alcoólicas observou-se que 61,5% dos jovens que abusavam do álcool e 38,8% dos jovens que faziam uso de baixo risco consumiam quatro vezes ao mês, ou seja, pelo menos uma vez por semana (PILLON; WEBSTER, 2006).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os resultados obtidos necessita-se que o consumo de bebidas alcoólicas por jovens deve ser mais bem explorado, principalmente por jovens universitários em que se encontram em um momento vulnerável e suscetível ao abuso de álcool. Fica evidente a importância de programas educativos para esses jovens alertando-os dos prejuízos do consumo abusivo do álcool e os limites para um consumo de baixo risco.

Percebe-se a necessidade de políticas que controlem o acesso a bebidas alcoólicas, inclusive uma melhor fiscalização para a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos, regulamentando a promoção de eventos open bar e a venda de bebidas alcoólicas baratas em eventos universitários.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. C. A. V.; OLIVEIRA, L. G. **I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras**. Brasília: SENAD; 2010.
- ÂNGELO, P. et al. Confiabilidade do teste de identificação de transtornos devido ao uso de álcool (AUDIT) em adolescentes, **Rev. Eletrônica saúde mental álcool e drogas**, 2010, v.6, n.2.
- BABOR, T. F. et al. **AUDIT: Teste para identificação de problemas relacionados ao uso de álcool - roteiro para uso em atenção primária**. Ribeirão Preto: PAI-PAD, 2003.
- BARBOSA, F.L. et al. Uso de Álcool entre Estudantes de Medicina da Universidade Federal do Maranhão, **Rev. Brasileira de educação médica**, 2013, v.37, n.1.
- BEDENDO, A. et al. *Binge drinking*: padrão associado ao risco de problemas do uso de álcool entre universitários, **Rev. Latino Americana de enfermagem**, São Paulo, 2017.
- BRASIL. Decreto-lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996. Acesso em: 13 de abril de 2020. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Vigitel Brasil 2017: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2018, p.130.
- BRASIL. Ministério da saúde, Secretária de Vigilância em Saúde. **Vigitel Brasil 2019: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2020, p.80.
- CAMPOS, J. et al. Consumo de álcool entre estudantes do ensino médio do município de Passos – MG, **Rev. Ciências e saúde coletiva**, 2011, v.16, n.12.
- CISA. Centro de Informações sobre Saúde e Álcool. **Álcool e Jovens**. 30 Jul 2007. Disponível em <<https://cisa.org.br/index.php/pesquisa/artigos-cientificos/artigo/item/75-alcool-e-jovens>>. Acesso em 13 de abril de 2020.
- DUAILIBI, S.; LARANJEIRA, R. Políticas públicas relacionadas às bebidas alcoólicas, **Rev. Saúde pública**, São Paulo, 2007, v. 41, n.5, p.839-848.
- FALCÃO, I.C.; RANGEL S.M.L. Controle sanitário da propaganda de bebidas alcoólicas no Brasil: estudo dos projetos de lei de 1988 a 2004. **Ciência & Saúde Coletiva**, Salvador, 2010, p.3433-3442.
- HINGSO, R.W.; ZHA, W.; WEITZMAN, E.R. Magnitude and trends in alcohol-related mortality and morbidity among U.S. college students ages 18–24, 1998–2005. **J Stud Alcohol Drugs Suppl** 2009; 16:12–20.
- IBGE. Instituto Brasileiro de geografia, pesquisa nacional de saúde escolar, 2015. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> acesso em: 13 de abril de 2020.
- JUNIOR, G.A.; GAYA, C.M. Implicações do uso de álcool, tabaco e outras drogas na vida do universitário, **Rev. Bras. Promoção de Saúde**, Fortaleza, 2015, v.28, n.1.
- MACHADO, I. et al. Pesquisa nacional de Saúde 2013: relação entre uso de álcool e características sociodemográficas segundo o sexo no Brasil, **Rev. Brasileira de epidemiologia**, 2017, v. 20, n.3, p.408-422.
- MARTINS, R.A, et al. Utilização do Alcohol Use Disorders Identification Test (Audit) para Identificação do Consumo de Álcool entre Estudantes do Ensino Médio, **Rev. Interamericana de psicologia**, 2008, v. 42, n. 2, p. 307-317.
- MEILMAN, P. W., PRESLEY, C.A. The first experience and alcohol use. In M. L. Upcraft, J. N. Gardner, & B. O. Barefoot (Eds), **Challenging and supporting the first-year student: a handbook for improving the first year of college**, 2005, p.445-466.
- OMS. WHO. World Health Organization. Global status report on alcohol and health. 2018. World Health Organization. Global status report on alcohol and health 2018 [internet]. Geneva: **World Health Organization**; 2018, acesso em: 07 de março de 2020. Disponível em: https://www.who.int/substance_abuse/publications/global_alcohol_report/en/.

OMS. WHO. World Health Organization. Health consequences. In: WHO. Global Status Report on Alcohol and Health 2014. Geneva: WHO; 2014. p. 46-58.

OMS. WHO. World Health Organization. Young People's Health - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.

PEREZ, G.; VALLEJO, G. Problemas associados ao consumo de álcool em estudantes universitários, **Rev. Latino Americana de enfermagem**, 2014, v. 22, n.5

PILLON, S.; WEBSTER, C. Teste de identificação de problemas relacionados ao uso de álcool entre estudantes universitários, **Rev. Enfermagem UERJ**, 2006, v. 14, n. 3.

PORTO, A.O.; RIOS, M.A; SOUZA, D.A. Influência da mídia televisiva no consumo de bebidas alcoólicas por universitários. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas**, São Paulo, 2018, v.14, n. 1, jan/mar.

REISDORFER E. et al. Prevalence and associated factors with alcohol use disorders among adults: a population-based study in Southern Brazil. **Rev. bras. de epidemiol**, São Paulo, 2012, v.15, n.3, p.582-594.

SILVA. M.; LYRA. T.; DINIZ, G. O padrão de consumo de álcool entre as usuárias das Unidades de Saúde da Família no Município do Recife (PE), **Saúde debate**, Rio de Janeiro, 2019, v.43, n.122, p.836-847.

SOLBERG, L.I.; MACIOSE, K.M.V.; EDWARDS, N.M. Primary care intervention to reduce alcohol misuse. Ranking its health impact and cost effectiveness. **Am J Prev Med**. 2008, v.34, n.2, p.143-152.

VIEIRA, et al. Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais, **Rev. De saúde pública**, São Paulo, 2007, v.41, n.3.

WECHSLER, H. et al. Trends in College Binge Drinking During a Period of Increased Prevention Efforts: Findings from 4 Harvard School of Public Health College Alcohol Study Surveys: 1993-2001. **Journal of American College Health**, 2002, vol 50, n.5.

Mônica Cavalcante Martins

Graduanda em Nutrição da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – SP.

Tâmara Taine dos Santos

Graduanda em Nutrição da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – SP.

Jandira Santos de Jesus

Graduanda em Nutrição da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – SP.

Beatriz Mitie Sato

Graduanda em Nutrição da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – SP.

Daniela Maria Alves Chaud

Doutora em Ciências Aplicadas à Pediatria pela Universidade Federal de São Paulo. Docente Adjunto do Curso de Nutrição da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – SP.
